

Caracterização agroecológica e socioeconômica dos moradores da comunidade quilombola do Curiaú, Macapá-AP, Brasil.

Raullyan Borja Lima e Silva¹, João da Luz Freitas², João Ubiratan Moreira dos Santos³, Raimundo Nonato Picanço Souto⁴

1. Biólogo, Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Divisão de Botânica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, Rod. Jk, Km 10 <raullyanborja@uol.com.br>

2. Engenheiro Florestal, Doutor em Ciências Florestais, Divisão de Botânica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, Rod. Jk, Km 10.

3. Doutor em Botânica, Departamento de Botânica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

4. Biólogo, Doutor em Zoologia. Laboratório de Arthropodas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá. Rod. JK Km 02.

RESUMO: Foi realizado um levantamento agroecológico e socioeconômico na comunidade quilombola do Curiaú, composta pelas vilas do Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, localizada na Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú, situada a 10 km ao norte da cidade de Macapá, visando a caracterização da comunidade e sua organização interna. O trabalho de campo foi realizado no período de julho de 2000 a janeiro de 2001. Na coleta de dados utilizou-se o método etnográfico com as técnicas de observação participante, entrevistas formais e informais. A amostra da pesquisa foi de 42 entrevistados com faixa de idade de 20 a 80 anos. Os dados forneceram informações a respeito das características dos entrevistados, características da unidade domiciliar, características gerais dos moradores e econômica das famílias dos entrevistados. A comunidade é composta em sua maioria de amapaenses nascidos no Curiaú, e mantém a tradição de morar em casas de madeira. A renda média mensal fica entre um e quatro salários mínimos com cada família com uma média de cinco pessoas por domicílio e a grande maioria tem o catolicismo como religião predominante. Os remédios naturais na cura e prevenção de doenças ainda é prática comum.

Palavras-Chave: Comunidade Tradicional. Negros. Escravos. Agroecologia.

ABSTRACT: *Agroecological characterization and social-economic of the residents of the community quilombola of Curiaú, Macapá-AP, Brazil.* A social-economic and agroecological survey was done at the quilombola community of Curiaú, composed by the Curiaú de Dentro and Curiaú de Fora villages. They are located at the Environmental Protection Area of Curiaú, 10 Km north from the Macapá City, The aim of the work was to characterize the community and its internal organization. The field work was accomplished in the period of July from 2000 to January of 2001. For the data collection it was utilized a ethnographical method with participative observation techniques, formal and informal interviews. The sample universe was 42 people at the age from 20 to 80 years. The data gave information with respect to the characteristics of the interviewees, characteristics of the residential unit, general characteristics of the community people as well as economic characteristics of the families. The community is composed mainly by the people born at the Curiaú and they maintain the tradition to live in wooden houses. The average income is in between 1 to 4 minimum income and there are an average of five people by residence and the majority follow the catholic religion. The use of natural medicines for cure and ill prevention is still a common practice.

Keywords: Traditional Community. Blacks. Slaves. Agroecology.

1. Introdução

No Estado do Amapá localiza-se uma comunidade negra, descendentes afro-brasileiros de um antigo quilombo, chamado Curiaú, formado no século XVIII. A região de Curiaú fica próxima do núcleo urbano da cidade de Macapá, e é considerada um Sítio Histórico e Ecológico, composta por cinco núcleos populacionais: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande, Currallinho e Mocambo (AMAPÁ, 1999), cuja população totaliza cerca

de 1.500 pessoas, formada por várias famílias, ligadas entre si, sendo que os núcleos populacionais de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora totalizam em torno de 450 moradores, formando cerca de 90 famílias.

Existem várias versões sobre a origem da Vila, uma é contada por Silva (2000), no livro "Curiaú: sua história, sua vida", em que explica que há três séculos, chegou de canoa através do Rio Pedreira, um casal de origem africana, o Sr. Miranda e esposa, e seus sete escravos, todos

irmãos, trazendo gado e naquelas margens resolveram ancorar. Um de seus escravos, Francisco Inácio, quando em busca de mel a mando de seu senhor, descobriu o lago, voltou e falou para o seu senhor que tinha achado um bom lugar de cria-ú (criar gado); e garantidos que o lugar era próprio para a sobrevivência, construíram suas casas e iniciaram a colonização do local. Após a morte do senhor Miranda, os escravos fizeram a partilha das terras entre si, que a partir daí passaram a constituir a comunidade.

A outra versão estaria ligada a construção da Fortaleza de São José de Macapá, de onde alguns escravos, africanos revoltados com os maus tratos dispensados a eles, rebelaram-se, fugiram e foram se amocambar na região, criando dessa forma o quilombo (SILVA, 2000).

Segundo Acevedo Marin (1997), a origem da toponímia CURIAÚ, precede de uma associação do lugar com finalidade percebida, ou seja, o lugar escolhido para criar gado e o mugido das vacas (CRIA: lugar bom de criar gado; MÚ: mugido das vacas). O vocábulo convergiu para CRIAMÚ e posteriormente para CRIAÚ e hoje, numa linguagem urbana, CURIAÚ.

Acevedo Marin (1997) informou que “a formação do mocambo do Curiaú encontra apoio tanto em narrativas transcritas como na volumosa documentação do século XVIII e XIX, existente no arquivo público do estado do Pará e ainda em peças arquivistas existente nos arquivos da Guiana Francesa”. A década de 1760 foi de entrada de numerosos escravos para os trabalhos da Fortaleza de Macapá, construções das Vilas de Macapá e Mazagão e formação da agricultura comercial. O arroz e o algodão de Macapá e Mazagão financiaram a compra de escravos.

Através de informe pessoal de moradores mais antigos haveria outra versão que reúne as duas versões anteriormente citados, que o Sr. Miranda chegou ao local com sua esposa e escravos e estabeleceram-se. Os escravos africanos, revoltados com os maus tratos sofridos na construção da fortaleza, fugiram e foram se amocambar na região, encontrando o Sr. Miranda que os acolheu, dando-lhes proteção e local para viverem livres. Com o

passar do tempo, continuaram a receber outros escravos fugitivos, constituindo o quilombo.

As comunidades quilombolas são populações tradicionais formadas por descendentes de escravos (DIEGUES; VIANA (2004) e que segundo Guanaes et al. (2004) desenvolvem práticas produtivas tradicionais como a roça de subsistência e a coleta de produtos florestais e a unidade de produção baseia-se no trabalho familiar e comunitário.

A comunidade do Curiaú guarda até hoje os traços de sua cultura africana, em que a interação com o meio natural é de expressiva relevância. A mesma é detentora de uma cultura riquíssima, em todos os aspectos, em particular, na utilização de seus recursos naturais (SILVA, 2002; SILVA et al., 2008) e corroborando com o que é afirmado por Posey (1992) de que povos ou comunidades tradicionais são sociedades que vivem em associação direta com seus habitats naturais, por séculos ou até milênios, e por conta disso, possuem vasta experiência na utilização e conservação da diversidade biológica.

Para Cunha e Almeida (2001) populações tradicionais são grupos que conquistaram ou estão lutando para conquistar uma identidade pública que incluem algumas e não necessariamente todas as seguintes características: o uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, a presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis, noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente, moradia e ocupação desse território por várias gerações, importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e as relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais, importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas, conhecimento profundo da natureza e este é transmitido de geração a geração por via oral, liderança local e, por fim, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados.

Segundo Diegues (1996) as comunidades tradicionais possuem uma organização econômica e social com reduzido acúmulo de

capital, onde a força de trabalho não é assalariada e as atividades econômicas são de pequena escala como agricultura, pesca e artesanato. Neste ambiente, há um grande conhecimento dos ciclos biológicos e do uso de recursos naturais renováveis que são transmitidos de geração para geração como instrumento de sobrevivência e conservação da diversidade biológica. Segundo ainda o mesmo autor, um dos critérios mais importantes para se definir uma comunidade tradicional é que esta deve reconhecer-se como um grupo cultural particular de identidade própria.

Deste modo, a comunidade quilombola do Curiaú apresenta as características típicas e se enquadra na categoria de comunidade tradicional, pois segundo Posey (1992, p. 112):

Essas comunidades possuem um vasto conhecimento tradicional, o qual é um sistema integrado de crenças e práticas características de grupos culturais diferentes, e os povos tradicionais, geralmente, afirmam que a “natureza” para eles não é somente um inventário de recursos naturais, mas representa também as forças espirituais e cósmicas que fazem da vida o que ela é.

Entretanto, a criação do Estado do Amapá em 1988, e da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana em 1992 (AMAPÁ, 1998), motivou o aumento populacional desordenado nessas duas cidades e sendo que no caso de Macapá, houve a expansão urbana em direção ao Curiaú e no ano de 1982 essa expansão alcançou e invadiu os limites da Vila do Curiaú de Fora para a criação de assentamentos urbanos, que constituem hoje, os bairros Jardim Felicidade I e II (RIBEIRO et al., 2001), comprometendo uma área de cerca de 300 Km². Dessa forma, os sistemas naturais vêm sendo bruscamente alterados por meio de intervenções antrópicas de exploração desordenada, com atividades que subutilizam os recursos nele contidos, levando a um desequilíbrio ambiental e sociocultural das comunidades que dele se favorecem diretamente.

Por outro lado, a comunidade tem sofrido crescentes pressões econômicas e culturais da

sociedade moderna envolvente, causando aculturação, diluindo seus conhecimentos mais profundos, e, junto, valiosos conhecimentos acumulados ao longo dos séculos e segundo Lleras-Perez (1992), a aculturação constitui um dos maiores problemas para as comunidades tradicionais, pois as mesmas estão abandonando as práticas e culturas tradicionais em favor de outras opções, com isso a herança cultural também está se perdendo, e com ela a capacidade de adaptar-se adequadamente ao meio ambiente.

Diante da grande pressão que a comunidade quilombola do Curiaú vem sofrendo, se faz necessário estudos que venham documentar o máximo possível de informações acerca do modo de vida e conhecimento desta comunidade, antes que modificações antrópicas, cada vez maiores, e constantes possam interferir sobremaneira na sua cultura. Para tal, foi realizado esse estudo com objetivo de traçar o perfil agroecológico e socioeconômico dos moradores da comunidade de Curiaú, com vistas a caracterizar quem é o homem que vive na comunidade, identificar a natureza e o estado dos recursos naturais e socioeconômicos de que efetivamente dispõem os moradores da localidade para desenvolver suas atividades produtivas e reunir elementos sobre os principais sistemas de produção existentes e sua sustentabilidade.

2. Material e métodos

Caracterização da área de estudo

A comunidade quilombola do Curiaú está localizada dentro da Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (APA do Rio Curiaú), situada a 10 km ao norte do centro da cidade de Macapá, município de Macapá, entre os paralelos 00° 00' N e 00° 15' N, sendo cortada pelo meridiano 51° 00' W. Seus limites são, a Leste, Rio Amazonas; a Norte/Nordeste, o igarapé Pescada e o ramal que liga a EAP-070 a BR-210; a Oeste, a estrada de ferro do Amapá e ao Sul, uma linha seca de latitude 00° 06' N, com uma área de 22.240 hectares (FACUNDES; GIBSON, 2000, p. 15) (Figura 1).

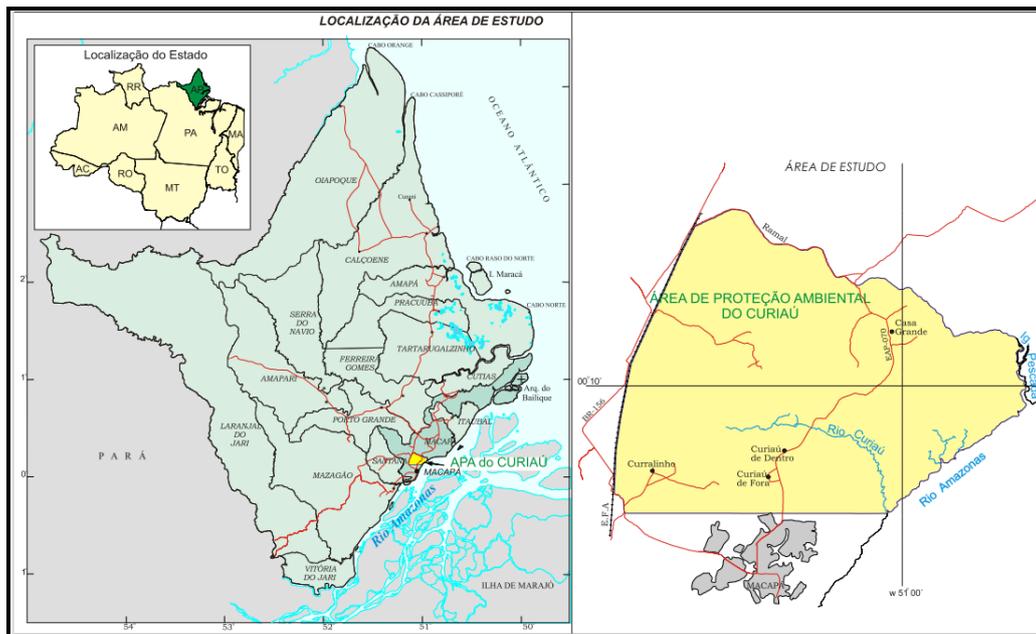


Figura 1. Localização da comunidade quilombola de Curiaú-AP. Fonte: Facundes e Gibson (2000).

A Área de Proteção Ambiental do Curiaú foi criada pelo Governo do Estado do Amapá através do Decreto N° 1417 de 28 de setembro de 1992 e através do Decreto N° 1418, tomba a Vila do Curiaú como Patrimônio Cultural do Amapá, considerando que da mesma representar significativa tradição de cultura popular e por haver abrigado Comunidades afro-brasileiras e outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. Em 15 de setembro de 1998, o Governo do Estado do Amapá através da Lei N° 0431, revoga o Decreto N° 1417 e cria a Área de proteção Ambiental do Rio Curiaú (APA do Rio Curiaú), alterando seus limites e reduzindo em aproximadamente 1.324 ha a área.

O acesso à área é feito de duas formas: via terrestre, através da BR-210 e a EAP-070, que constitui a principal via de ligação com as comunidades do Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro e a via de acesso fluvial que é representada pelo rio Curiaú, que corta a APA no sentido leste/oeste (FACUNDES; GIBSON, 2000).

O clima, segundo a classificação de Koopen, é do tipo Af (clima tropical úmido), com temperatura média anual em torno de 27°C, precipitação média anual de 2.500 mm, umidade relativa anual em torno de 85% e insolação média anual de 2.200 horas (SUDAM, 1984).

Segundo Facundes e Gibson (2000) são encontrados na região três grandes grupos distintos de solos que são o Latossolo Amarelo, Solos Hidromórficos e Solos Aluviais. O Latossolo Amarelo ocorre predominantemente no ecossistema de Cerrado e representa 44,22% da APA, correspondendo a 9.834,28 hectares de sua superfície, estando associado a relevo plano, suave ondulado a ondulado. São solos minerais, não hidromórficos e bem drenados, possuem altos teores de ferro, compreendendo solos muito profundos, ácidos, friáveis, com classe textural variando de média a muito argilosa. Apresenta uma fertilidade natural baixa. Desta forma, são solos que apresentam fortes restrições a práticas agrícolas que empreguem um baixo nível tecnológico.

Os Gleys pouco Húmicos são solos hidromórficos que ocorrem nos ambientes da floresta de várzea e nos campos inundáveis com pequena variação de um ambiente para outro. Representam 43,47% da superfície da APA. O solo Hidromórfico Gley pouco Húmico (HGPe1), ocorrem na floresta de várzea e o Gley pouco Húmico (HGPe2), ocorre nos campos inundáveis. Os solos gleys, em oposição aos latossolos, apresentam forte impedimento à drenagem vertical em decorrência da alta concentração de argila e silte. Está constantemente sob processo de sedimentação, decorrente do regime de

inundação constante das planícies aluviais. Apresentam boa fertilidade e em condições naturais são mais apropriados para a cultura do arroz e de pastagens naturais. Esse tipo de solo está associado ao relevo plano de várzea. (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Os Solos aluviais são aqueles que ocorrem no ambiente da mata de galeria. São solos minerais, pouco desenvolvidos, hidromórficos ou não, formados de sedimentos aluviais recentes, que são depositados periodicamente durante as inundações ou trazidos de áreas próximas pelas águas pluviais. Na APA, predominam os solos aluviais eutróficos, com boa fertilidade e representam 6,06% dos tipos de solo na APA (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Com relação a hidrografia, a bacia hidrográfica do rio Curiaú mede

aproximadamente 584,47 km², das quais, cerca de 40%, encontra-se dentro dos limites da APA. O regime das marés quanto os pluviais são os responsáveis pela influência de alimentação desse sistema hidrográfico. A região central da APA é cortada pelo igarapé Curiaú do meio, que percorre grande extensão dos campos alagados, sendo no verão quando se tem uma redução significativa da área drenada, a única via de transporte fluvial daquela localidade. Durante o período chuvoso, as águas da chuva alagam totalmente os campos permanecendo assim grande parte do ano. (CHAGAS, 1997). Ao longo de seu percurso, o rio Curiaú atravessa as áreas de campos inundáveis percorrendo 4,5 km dentro da floresta de várzea até desembocar no rio Amazonas (Figura 2).



Figura 1. Rio Curiaú - principal canal de drenagem da APA do Curiaú, em período de estiagem. Foto: Raullyan Borja (2000).

A APA do Rio Curiaú possui três ecossistemas predominantes, o Cerrado, os Campos Inundáveis e a Floresta de Várzea, mas também são encontrados dispersamente, as Matas de Galeria, as Ilhas de Mata e os Lagos Permanentes (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Segundo o Relatório da Primeira Aproximação do Zoneamento Ecológico Econômico (Macrodiagnóstico) (2006) o cerrado do Amapá apresenta-se com características comuns ao bioma do Brasil central, acrescidas de outras, que lhe confere particularidades, principalmente, no que diz respeito aos seus padrões florísticos. Conforme

Facundes e Gibson (2000) na APA do Rio Curiaú, o cerrado distribui-se em toda a sua porção oeste, envolvendo os Campos de Várzea, Matas de Galerias e Ilhas de Matas. Ocupa uma área de 9.632,32 hectares (43,31% da área total da APA), sendo desta forma o ecossistema de maior representatividade dessa unidade de conservação. Chagas (1997) completa que o estágio de preservação desse ambiente é apenas parcial, pois ao longo de sua distribuição, observam-se níveis de perturbações antrópica.

Na composição florística do cerrado na área, encontra-se duas estratificações principais: o estrato arbóreo-arborescente, constituído por

poucas espécies lenhosas fisionômica e morfológicamente características da vegetação de cerrado, e o estrato herbáceo-arbustivo, que se apresenta de maneira densa, com uma dinâmica vegetativa profundamente influenciada pelos atos de queimadas e momentos estacionais da região (CHAGAS, 1997). Seus representantes vegetais mais importantes são bate-caixa (*Salvertia convallariodora* A. St.-Hil.), sucubá (*Himatanthus sucubus* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson) e caimbé (*Curatella americana* L.) e Barbatimão (*Ouratea hexasperma* (A. St.-Hil.) Baill Var. *Planchonii* Engl.).

Com relação a floresta de várzea, esse ecossistema ocupa 4,8% do Estado do Amapá. Na APA do Rio Curiaú ele representa 20,83%, cobrindo uma área de 4.632,71 hectares, distribuídos numa faixa de orla fluvial de aproximadamente 5 km de largura no sentido sul/nordeste (FACUNDES; GIBSON, 2000). Esse ecossistema apresenta duas características de fácil observação. Uma é a condição de inundação, ocasionada principalmente pela variação das marés, fazendo com que haja uma renovação constante de nutrientes, provenientes do sistema de descarga da foz do rio Amazonas. Outra característica é a riqueza de palmeiras, em destaque o açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), o buritizeiro (*Mauritia flexuosa* L. f.) e o

murumuruzeiro (*Astrocaryum murumuru* Mart.) (RABELO et al., 2005).

A floresta de várzea abriga espécies vegetais nobres, como: a andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), a macacauba (*Platymiscium* sp.), o paulato (*Calycophyllum spruceanum* (Benth.) Hook. f. ex K. Schum.), o cedro (*Cedrela fissilis* Vell.) e a virola (*Virola surinamensis* (Rol. ex Rottb.) Warb.), que são muito usados para a confecção de móveis e na construção civil (FACUNDES; GIBSON, 2000). Devido a sua importância como fonte de recursos naturais extrativos, esse ecossistema na APA está bastante modificado do ponto de vista ambiental. Além da exploração seletiva de madeira que vem sendo praticado há anos, causando entre outros danos, o empobrecimento da biodiversidade vegetal, outro problema, ainda mais grave, vem intensificando-se nesse ambiente: parte considerável da floresta está sendo posta abaixo para a formação de pastos artificiais para a criação de gado.

Os campos inundáveis também denominados de campos de várzea são áreas geologicamente recentes, representativas dos campos de planícies do Amapá, que corresponde aos locais de influência fluvial do rio Curiaú e canais de drenagens (CHAGAS, 1997) e possuem uma área total de 5.007,93 hectares, representando 22,51% da APA. (Figura 3).

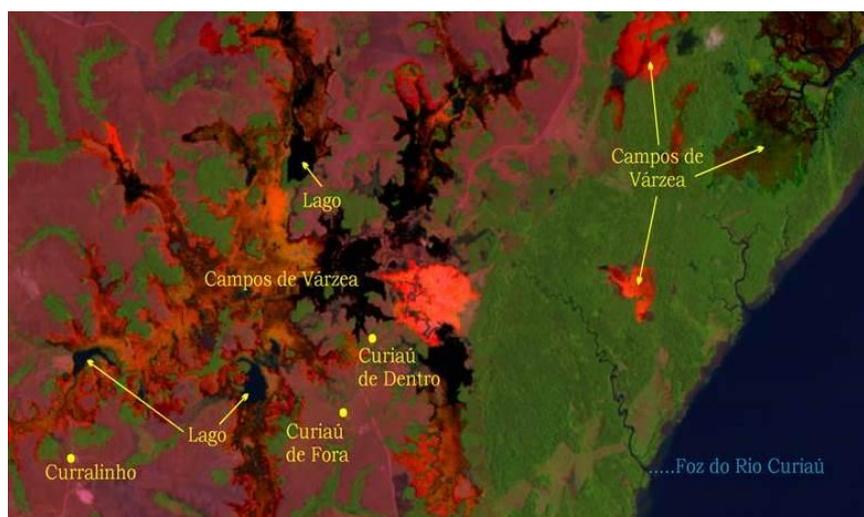


Figura 3. Campos de Várzea da APA do Curiaú. Fonte: Satélite Landsat (1995).

Os campos de várzea ou campos inundáveis são ambientes que têm seu regime de inundação

intimamente relacionado aos níveis de precipitação das chuvas anuais. (FACUNDES;

GIBSON, 2000) e sua flora é caracteristicamente herbácea, onde as macrófitas aquáticas predominam, mas existe uma pequena parcela próximo ao igarapé Pescada com vegetação arbustiva-herbácea, onde a espécie predominante é o aturiá (*Machaerium lunatum* (L.) Ducke).

As Matas de Galeria têm como principal característica a presença de nascentes e cursos d'água. Na APA do Curiaú, as matas de galerias são de pequeno a médio porte, nas maiores circunscritas às veredas de buritizais (*Mauritia flexuosa* L. f.), formas pioneiras das referidas matas de galerias, e representam 6,16% da APA, possuindo uma área de 1.369,59 hectares. Desempenha um papel importante na proteção das nascentes dos cursos de água, evitando, entre outras coisas o assoreamento dos mesmos e garantindo a boa qualidade da água. Outro papel importante que justifica a proteção e a conservação desse ecossistema refere-se a sua condição de servir de habitat natural e refúgio para várias espécies da fauna regional e migratória (FACUNDES; GIBSON, 2000). Esse ecossistema na APA do Curiaú, de uma

maneira geral, apresenta pouco indício de perturbação antrópica.

As ilhas de mata são áreas de fisionomia florestal que se manifestam isoladamente, ora nos domínios do ecossistema cerrado, ora nos chamados “tesos” dos domínios dos campos inundáveis, e representam 6,47% da APA, cobrindo uma área de 1.437,88 hectares. Por se manifestar na maioria das vezes de forma isolada, esse ambiente torna-se vulnerável a qualquer tipo de uso ou exploração (FACUNDES; GIBSON, 2000) (Figura 4).

A sua flora apresenta traços de identidade tanto com as florestas de várzea como as da terra firme, mas apresenta baixa densidade florística, tendo as espécies heliófilas ocupando um lugar de destaque, seja nos estágios de sucessão ou até mesmo fazendo parte de áreas estruturalmente bem formadas (CHAGAS, 1997).

Essas áreas são usadas para a exploração de madeira e para a agricultura, principalmente para o cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), e em consequência já tem de área alterada 169,67 hectares, o que representa 11,80% do total.



Figura 4. Ecossistemas da APA do Curiaú - Cerrado, Campos de Várzea e Ilhas de Mata. Fonte: Facundes e Gibson (2000).

Fauna é representativa e variada, pois as características singulares da área condicionam a existência e formação de habitats e nichos ecológicos variáveis tanto em origem quanto em extensão (SILVA, 2002). O Cerrado com suas Ilhas de Mata apresenta uma ornitofauna típica para cada ambiente, onde a ordem Passeriforme

está muito bem representada. Ainda neste ambiente existem os animais de médio porte, representados principalmente por roedores e répteis (CHAGAS, 1997). Nos Campos Inundáveis, juntamente com seus igarapés e canais de drenagem, desenvolve-se uma ictiofauna bastante diversificada e muitas dessas

espécies é que constituem a base alimentar dos moradores de Curiaú (SILVA, 2002).

Com relação às atividades socioeconômicas, a comunidade de Curiaú tem um enraizamento histórico camponês, com seu modo de vida e práticas culturais. A atividade moderna desenvolvidas na cidade de Macapá pelo trabalho organizado teve pouco peso, não chegando a provocar um engajamento considerável dos moradores de Curiaú nas atividades urbanas (ACEVEDO MARIN, 1997). Muito pelo contrário, grande parte dos que desenvolvem suas atividades na capital, procuram de alguma forma conciliar seu tempo para poderem trabalhar na agricultura e na pecuária (SILVA, 2002).

Segundo Facundes e Gibson (2000), Silva (2002) e Silva et al. (2008) a comunidade do Curiaú vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, atividade que, praticamente, apenas satisfaz às necessidades básicas da sua alimentação, utilizando-se de técnicas rudimentares, limitando o cultivo a pequenas áreas. Para a limpeza do terreno é feita a derrubada e posterior queimada e o preparo do solo com enxadas, o que acarreta o mau aproveitamento dos recursos do solo, e esgotando-o em pouco tempo.

A atividade agrícola consiste principalmente no cultivo da mandioca para a produção de farinha e no de hortaliças em pequena escala. Esse último é desenvolvido em áreas sob a influência de várzea e em cerrado, com o uso de técnicas envolvendo adubação mineral e orgânica, irrigação e defensivos.

As culturas permanentes são resumidas àquelas de fundo de quintal nas pequenas propriedades rurais e nas imediações dos núcleos populacionais. Basicamente, são usadas apenas para o consumo local, sem nenhuma conotação e importância comercial.

A criação bovina é uma das principais atividades desenvolvidas no Curiaú e é praticada por pequenos criadores principalmente com a criação extensiva de búfalos, mas também há a criação de gado bovino, de carneiros e de cavalos, se bem que em menor escala. A pastagem utilizada é eminentemente natural, aproveitando-se das áreas de campos inundáveis que, além de abundantes, oferecem boas

condições de forragens e baixos custos de manutenção (SILVA, 2002).

A criação de gado bovino está identificada com a história de ocupação de Curiaú e os moradores sempre dispuseram de algumas cabeças. Essa pecuária é um complemento da agricultura (ACEVEDO MARIN, 1997).

O extrativismo representa um papel muito importante no regime alimentar das comunidades do Curiaú sendo a pesca uma das suas principais atividades, juntamente com a extração seletiva de madeira e coleta do açaí (*Euterpe oleracea*) nos ambientes de floresta de várzea, assim como a utilização da andirobeira (*Carapa guianensis*) para a produção de óleo e coleta de outras espécies frutíferas próprias da várzea deste ecossistema. No cerrado, são utilizadas várias espécies como ervas medicinais e espécies para lenha (FACUNDES; GIBSON, 2000; SILVA, 2002).

Com relação aos aspectos culturais, Curiaú não é, como se pensa, uma sociedade primitiva, mas sim um lugar politicamente organizado. Seus habitantes são profundamente devotos de várias imagens católicas e tradicionalmente as festejam com fé e veneração. Inclusive, essa vocação festeira de suas comunidades, foi o meio encontrado para preservar, através de comemorações religiosas, sua herança afro. Marcadas pelo sincretismo religioso, comemorações conjugam elementos profanos, tais como o Batuque e o Marabaixo, com rituais religiosos, como as Ladainhas em latim, a Procissão e a Folia (ACEVEDO MARIN, 1997).

Uma mostra desse sincretismo pode ser vista na festa de São Joaquim, padroeiro do Curiaú. Nesta festa, que ocorre ao longo dos dez dias entre o dia 9 e 19 de agosto, as comunidades reúnem-se para cantar as Ladainhas, vindo em seguida os festejos no ritmo dos tambores. No Curiaú de Dentro, comemora-se São Sebastião, em janeiro, e Santo Antônio, em setembro. No Curiaú de Fora, festeja-se Santa Maria, em maio (quando é dançado o Marabaixo), São Tomé, em dezembro, e São Joaquim, o padroeiro dos dois núcleos, no mês de agosto. Em todas as festas, exceto da de Santa Maria, após a ladainha, dança-se o Batuque, a grande expressão de origem africana dos habitantes do lugar.

Entretanto, é na Festa de São Joaquim que existem aspectos mais interessantes. É a única em que ocorre a Folia (ACEVEDO MARIN, 1997).

Metodologia

O trabalho de campo foi realizado no período de julho de 2000 a janeiro de 2001. Os procedimentos metodológicos para levantamento de dados socioeconômicos adotados foram determinados pelo caráter qualitativo descritivo da pesquisa, possibilitando assim estudar as características desses núcleos populacionais e os fenômenos ora ocorrentes, e suas inter-relações, usando, como sugere Minayo (1994), Amorozo (1996), Gil (2008) e Chizzotti (2010) o método etnográfico, com técnicas da observação participante, entrevistas informais e entrevistas estruturadas participante com formulários, que possibilitou reunir e registrar informações a respeito da origem, trabalho, saúde, educação, renda, alimentação, composição familiar, transporte, moradia da população, que permite o aprofundamento no conhecimento do processo econômico e de organização social, criando uma situação de diálogo entre o polo pesquisado e o polo pesquisador, que é um pré-requisito essencial de aproximação da complexa inter-relação entre estrutura socioeconômica e as formas empíricas da consciência social.

Essa investigação se enquadrou nos parâmetros metodológicos de estudo de caso com várias categorias de análise. Foram utilizadas várias fontes de dados, sendo algumas quantitativas, outras qualitativas e fontes documentais.

O caráter qualitativo e etnográfico da presente investigação de campo permitiu resgatar a metodologia proposta por Oliveira (1996) em que se definem três etapas sequenciais de aprendizagem dos fenômenos sociais, que são: ver, ouvir e escrever.

Nas entrevistas, os formulários utilizados foram previamente elaborados e testados, contendo perguntas abertas e fechadas, feitas oral e individualmente às pessoas em seus próprios domicílios, sendo preferencialmente realizadas com o responsável pelo grupo familiar, ou seja, a pessoa de referência da família, independente de sexo.

Para registro das falas dos atores sociais que participaram da investigação, foi usado um sistema de anotação simultânea da comunicação e/ou gravações. As fotografias e filmagens também foram recursos de registros utilizados, pois, esses registros visuais ampliam o conhecimento do estudo porque proporcionam documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado.

Foi também usada a técnica da observação participante, pois é uma técnica bastante empregada na antropologia e tem importante papel nos estudos etnográficos (KOTTAK, 1994; MARTIN, 2001). Nesta técnica se utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (MINAYO, 2008).

Essa técnica é de fundamental importância para comprovação de dados, para o complemento de outros obtidos durante as entrevistas formais e muito mais ainda, para obter dados ainda não citados durante as mesmas (SILVA, 2010).

O universo da pesquisa foram os moradores das vilas de Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro, sendo a “população-alvo”, aquela que se encontrava envolvida no local de forma direta, representada por diversos atores sociais. A “população amostrada” foi constituída de frações desses atores, que foram selecionados de forma aleatória, pois segundo Minayo (1994), a amostragem boa é aquela que possibilita a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

Os dados coletados referentes aos informantes foram organizados e registrados nas cadernetas de campo e sistematizados em ficha individual por informante. Da mesma maneira procedeu-se com o material gravado, após a transcrição das mesmas.

3. Resultados e discussão

Foi realizado um total de 42 entrevistas, sendo 15 (35,71%) em Curiaú de Fora e 27 (64,29%) em Curiaú de Dentro. Todas as unidades foram visitadas pelo menos três vezes, sendo sempre no primeiro encontro realizado as devidas apresentações, com exposição dos

objetivos do trabalho e solicitando a anuência para a realização das entrevistas.

Características dos entrevistados

Idade e gênero dos entrevistados

A faixa etária da população amostrada existente na área de estudo, foi de 20 a 80 anos, sendo que esses extremos são representados por pessoas do sexo masculino, enquanto as pessoas

do sexo feminino atingiram um intervalo de 21 a 76 anos. A idade média geral dos entrevistados foi de 43 anos.

A faixa etária mais frequente foi entre 31–35 anos, com 16,67%, sendo que a faixa de idade mais jovem, de 20–25 anos apresentou 11,90% e o grupo com a maior faixa etária foi de 76–80 anos, apresentando dois informantes que representam 4,76%, sendo uma das mais baixas (Tabela 1).

Tabela 1. Idade e gênero dos entrevistados na comunidade quilombola do Curiaú-AP.

Faixa etária	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
20 – 25	2	2	4	1	-	1	5	11,90
26 – 30	1	3	4	1	1	2	6	14,29
31 – 35	1	4	5	2	-	2	7	16,67
36 – 40	-	1	1	-	2	2	3	7,14
41 – 45	1	4	5	1	-	1	6	14,29
46 – 50	-	-	-	2	-	2	2	4,76
51 – 55	2	-	2	-	-	-	2	4,76
56 – 60	-	2	2	-	1	1	3	7,14
61 – 65	-	-	-	2	-	2	2	4,76
66 – 70	1	-	1	-	1	1	2	4,76
71 – 75	-	2	2	-	-	-	2	4,76
76 – 80	1	-	1	-	1	1	2	4,76
TOTAL	9	18	27	9	6	15	42	100

Fonte: Silva (2002).

Stipanovich (2001), em trabalho realizado na área do Curiaú, mas usando metodologia diferente na escolha dos informantes da aplicada a este trabalho, teve como idade média dos informantes 59 anos, sendo o intervalo compreendido de 35 a 82 anos.

Condição dos entrevistados na unidade domiciliar

A Tabela 2 apresenta a condição que os entrevistados tinham no domicílio no momento da pesquisa. Dos 42 entrevistados, 64,29% foram os próprios chefes de família, que segundo o IBGE (1988) é a pessoa responsável

economicamente pela unidade domiciliar ou que assim for considerado pelos demais moradores, independente de sexo, 21,43% foram os cônjuges, 11,90%, foram os filhos e 2,38% por outro parente. Observando o aspecto de domínio das informações, serem bem maior por pessoas que tem uma idade mais avançada, e por pessoas que possuem as responsabilidades da família, de modo geral, as entrevistas foram direcionadas para os chefes de família ou cônjuges, que somaram 85,72% dos entrevistados, bem superior aos filhos e outros parentes que somaram 14,28% dos entrevistados.

Tabela 2. Condição dos entrevistados nas unidades domiciliares na comunidade quilombola do Curiaú-AP.

Condição no Domicílio	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
Chefe	6	10	16	8	3	11	27	64,29
Conjuge	1	5	6	-	3	3	9	21,43
Filho	2	2	4	1	-	1	5	11,90
Outro parente	-	1	1	-	-	-	1	2,38
Total	9	18	27	9	6	15	42	100

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

Escolaridade dos entrevistados

A escolaridade dos entrevistados apresentou-se em um largo intervalo, indo de pessoas que nunca estudaram até pessoas com o Ensino Médio completo (2º grau), mas não apresentou nenhum entrevistado com curso superior

completo ou mesmo cursando, pois em geral essas pessoas, por força da situação de trabalho e estudo, mudam-se para Macapá, pois no Curiaú não existem empregos para pessoas com esse nível de formação e as escolas de nível médio e superior encontram-se na capital (Tabela 3).

Tabela 3. Escolaridade dos entrevistados na comunidade quilombola do Curiaú-AP.

Escolaridade	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
-Nunca estudou	1	2	3	3	1	4	7	16,67
-Até 2ª série	-	1	1	1	-	1	2	4,76
-Até 3ª série	1	1	2	-	-	-	2	4,76
-Até 4ª série	2	3	5	1	-	1	6	14,29
-Até 5ª série	1	2	3	-	2	2	5	11,90
-Até 6ª série	-	1	1	-	1	1	2	4,76
-Até 7ª série	-	1	1	-	-	-	1	2,38
-Até 8ª série	-	-	-	1	-	1	1	2,38
-1º grau comp	1	3	4	1	1	2	6	14,29
-2º grau comp	3	4	7	2	1	3	10	23,81
	9	18	27	9	6	15	42	100

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

Um aspecto interessante observado foram os extremos deste intervalo que justamente apresentaram os maiores valores, ou seja, 16,67% dos entrevistados nunca haviam estudado e 23,81% dos mesmos já haviam completado o Ensino Médio. Com o Ensino Fundamental completo (1º grau) aparecem 14,29% e as pessoas com estudo até a 4ª série do Ensino Fundamental apresentou o maior número, com 40,48% dos informantes.

Esse resultado é preocupante, pois a escolaridade é de grande importância para que o homem do campo tenha a capacidade de assimilar as inovações tecnológicas, visando melhorar sua produção e a qualidade de vida da família e segundo Quirino, Garagorry e Sousa (2002) o nível de escolaridade do agricultor na região norte é considerado um dos mais baixos no Brasil e, o ensino fundamental é para 65,10% o máximo alcançado para trabalhadores rurais.

Freitas (2008) encontrou para os agricultores da Ilha de Santana-AP o nível de escolaridade até o ensino fundamental de 50%, sendo que destes 43,30% estavam com o curso ainda incompleto e somente 6,70% haviam concluído esta etapa.

Na comunidade quilombola Kalunga-GO, os dados apresentaram níveis baixos de

escolaridade, sendo que 38,9% são de pessoas não alfabetizadas e 61,1% possuem o ensino fundamental incompleto, dados esses que corroboram a situação no meio rural brasileiro.

Segundo Anjos e Cypriano (2006) as dificuldades educacionais nas comunidades rurais, e em especial, nas comunidades quilombolas, de uma maneira geral, não se devem somente a presença ou número de escolas, mas também o conteúdo ministrado nessas classes, que em regra, não considera as particularidades da cultura local.

Rabelo et al. (2005) coloca que a falta de instrução formal e adequada pode se constituir em um elemento restritivo ao desenvolvimento humano pela reduzida capacidade de assimilação de novos fatores necessários à dinâmica social e produtiva. Isso tudo se traduz em um grande desafio para que realmente seja concretizada a sustentabilidade da agricultura familiar.

Dos entrevistados com o Ensino Médio completo, a média de idade foi de 30 anos no geral, sendo o entrevistado mais novo com 20 anos e o mais velho com 43 anos. Em relação aos entrevistados que nunca estudou, a idade média geral foi de 66 anos, tendo o entrevistado mais novo 47 anos e com 80 anos o mais velho.

Origem dos entrevistados

Com relação à origem dos moradores entrevistados, 95,24%, são do Estado do Amapá e somente 4,76% são oriundos de outros estados. Dos entrevistados amapaenses, 73,81%

são nativos da região do Curiaú, 16,67% tem sua origem em Macapá, 2,38% do município de Calçoene, e 2,38% do município de Jari-AP (Tabela 4).

Tabela 1. Origem dos entrevistados.

Origem	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
Curiaú / AP	7	15	22	3	6	9	31	73,81
Macapá / AP	1	1	2	5	-	5	7	16,67
Calçoene / AP	-	-	-	1	-	1	1	2,38
Jari / AP	-	1	1	-	-	-	1	2,38
São Luís / MA	1	1	2	-	-	-	2	4,76
	9	18	27	9	6	15	42	100

Esse número representativo da cidade de Macapá, talvez seja por conta da proximidade da região com a capital do estado. Do total de Macapá, 71,43%, residem na Vila de Curiaú de Fora, que é um dos primeiros locais de encontro com a região de quem vem de Macapá ou de outros estados.

Quanto ao tempo de moradia no local, 92,86% já residem no Curiaú há mais de 10 anos, e apenas 7,14% moram a menos tempo, sendo 4,76% morando no local entre dois a quatro anos, e apenas 2,38% está na faixa entre oito a dez anos, demonstrando que a grande maioria deles já reside no local há um tempo considerável, fator fundamental para a integração socioeconômica e cultural do local. Na comunidade negra de Itacoã-PA, Cano (2005) encontrou um total de 86,91% das pessoas de origem da própria comunidade. Esse fluxo migratório pequeno de outras localidades confirma o endemismo das pessoas, o que pode explicar a base de fortes vínculos de parentesco entre as famílias, além da interação e conhecimento do ambiente circundante.

Estado civil dos entrevistados

Na amostra estudada, constatou-se que 64,29% vivem com companheiro (a), e 35,71%, no momento, moram sem companheiro (a). Foi registrado que dos que vivem em união, 29,63% provém de casamento civil e religioso, 14,82% vem só de casamento religioso, 11,11% vem de casamento civil, e 44,44%, a maioria, de união

consensual, o chamado “amigar”, presença muito forte na cultura local.

Dos entrevistados que declararam não viver no momento com companheiro (a), 80%, disseram já ter vivido com alguém pelo menos uma vez na vida e 20%, declararam nunca ter morado em companhia de pessoa alguma. Do total dos que já viveram em união, 58,33% são desquitados (as), divorciados (as) ou separados (as), e 41,67%, são viúvos (as).

Fecundidade dos entrevistados

Com relação à fecundidade, 97,62% dos entrevistados já tiveram filhos e apenas 2,38% ainda não tiveram. O intervalo compreendido entre um a três filhos representa 51,22% dos entrevistados e foi a faixa mais alta, e isso se deve, segundo os informantes, às dificuldades hoje encontradas para se criá-los, tanto no aspecto econômico como no social e, também, pelo conhecimento dos meios de contra concepção, permitindo um melhor planejamento familiar, fato esse que era praticamente impossível décadas atrás, ficando segundo os informantes “a cargo de Deus, se vinha o filho era bem vindo, e não havia espaço para reclamações”. Essa colocação pode ser confirmada pelos dados apresentados, pois quanto mais o intervalo de número de filhos aumenta, diminui o número de entrevistados com filhos, ou seja, na média entre 4 – 6 filhos, 39,02% e na média de 7 – 10 filhos, somente 9,76%. Na faixa com mais de 10 filhos, não houve nenhuma citação. Mas é importante

apontar que em um intervalo um pouco maior, na faixa de 1 – 6 filhos, que é a faixa do número de filhos /família do Estado, os entrevistados sobem para 90,24%, o que representa a maioria absoluta (Tabela 5).

Na comunidade negra de Itacoã-PA, Cano (2005) encontrou um número médio de 4,30 pessoas por família, dados esses superiores a média nacional que é de 3,3 pessoas por família.

Tabela 5. Número de filhos por família do entrevistado na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP.

Nº de filhos	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
1 – 3	12	9	21	51,22
4 – 6	12	4	16	39,02
7 – 10	2	2	4	9,76
Mais de 10	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

Características da unidade domiciliar dos entrevistados

Condições das moradias das famílias dos entrevistados

Nesse aspecto, procurou-se identificar qual o tipo de domicílio e as características da habitação, bem como a existência de alguns bens duráveis. Esses indicadores isolados ou associados, por exemplo, com o número de moradores e rendimento médio familiar, permitem construir indicadores importantes sobre as condições e a qualidade de vida da comunidade estudada.

BARRETO et al. (2005) considera que o aspecto físico da moradia sintetiza um importante elemento social, pois representa um lugar de proteção, humanização e socialização, onde as pessoas passam boa parte de suas vidas.

O tipo de domicílio padrão é a casa, que representa 100% da amostra estudada. O tipo de material utilizado que predomina na construção das paredes externas do domicílio é a madeira aparelhada (80,95%). Em 11,91% dos domicílios a construção é em alvenaria, com paredes de tijolos, e 7,14% usam a madeira aproveitada, que segundo o IBGE (1988), “é aquela que não foi devidamente preparada para fins de construção ou é a madeira aproveitada de outras construções”. Os dados mostram de uma forma geral, que os domicílios possuem uma boa estrutura de construção, pois somando as casas de alvenaria e em madeira aparelhada, têm-se um total de 92,86% dos domicílios. Mas, a tradição de morar em casas de madeira ainda prevalece, pois 88,09% das residências foram construídas com esse material, que representa um referencial na paisagem do local (Figura 5).



Figura 5. Tipo de domicílio padrão na comunidade quilombola do Curiaú. Fonte: Raullyan Silva (2000).

Com relação ao material que predomina no telhado dos domicílios, dois tipos básicos foram usadas, a telha de barro (40,48% das residências) e as telhas de amianto-brasilite (59,52% dos domicílios). O piso predominante distribuiu-se igualmente entre o feito de madeira bruta, de madeira beneficiada e de cimento, cada um em 33,33% dos domicílios. Todos os entrevistados confirmaram serem os proprietários dos domicílios e a média de cômodos foi de quatro, sendo que a casa com menor número de cômodos foi de um e a maior com oito.

A água utilizada para consumo e usos diversos, vem de três fontes: o abastecimento pela rede de distribuição geral, através de um sistema isolado da Companhia de Água e Esgoto do Amapá (CAESA) e controlado pela comunidade (78,57%), pelo abastecimento por meio de poços amazons (78,57%) e existem os domicílios que recebem água de poços artesianos (9,52%). Segundo Neiva (2009) na comunidade quilombola Kalunga-GO a água utilizada vem dos rios e nascentes, sendo que 44,4% não fazem nenhum tratamento antes do uso e 55,6% usam o filtro de cerâmica como meio de dar algum tratamento água a ser utilizada.

Quanto ao destino do lixo doméstico, observa-se que em 50% das residências o lixo é coletado pelo menos uma vez por semana pela Prefeitura Municipal de Macapá, em 45% é queimado ou enterrado na propriedade, e em 5% dos domicílios o lixo é jogado em terreno baldio. Esses dados apontam que, pelo menos, metade das residências amostradas desenvolvem práticas inadequadas de destinação correta do lixo, indo em desacordo com o Código de Postura do Município, devido à poluição, tanto ambiental quanto visual que produz e além de risco de se tornar, esses lixões, focos de transmissão de variadas doenças.

Em todos os domicílios visitados, a forma de iluminação é a energia elétrica, fornecida pela Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA) e isso representa para a comunidade a

possibilidade da aquisição de uma variedade de bens de consumo similares aos encontrados na capital do estado. Mas o que caracteriza a posse desses bens é o maior ou menor poder aquisitivo de cada família.

Bens de consumo

O fogão de duas ou quatro bocas foi o único bem presente em todos os domicílios, pela praticidade, havendo uma troca geral pelo que era usado por quase todos, o fogão de barro, mas as pessoas em número considerável ainda os mantêm, pois, dizem, que “para uma boa feijoada, para uma boa manijoba, não existe melhor”. A geladeira é outro bem de quase unanimidade, presente em 97,62% dos domicílios, pois assim como o fogão, é de muita utilidade no dia-a-dia, pois além de uma água gelada, ainda tem como manter os alimentos conservados por muita mais tempo e de forma saudável. O rádio e a televisão aparecem em 92,86% das casas, e é uma forma de lazer da comunidade e de se manter informado das “coisas do mundo”. O ferro elétrico (90,48% dos domicílios) é outro bem que veio substituir o antigo ferro de brasa, que além de ser de difícil manuseio e oferecer sérios riscos de acidentes, com a chegada da energia elétrica, tornou-se obsoleto, mas muitos moradores ainda o acham o melhor para deixar as “roupas de festas na beca”. Talvez pelo lugar ser muito aprazível, com ótima ventilação e também desmotivado pelo preço, em somente 2,38% dos domicílios o ar-condicionado se faz presente, mas o ventilador, (78,57%) desponta entre os moradores. O computador foi um bem que não apareceu em nenhum dos domicílios, mas o aparelho de som apareceu em 47,62% das residências. Com relação aos meios de transporte, o veículo mais popular é a bicicleta presente (64,29%) em contraste com os automóveis e motocicletas que não tiveram presença registrada entre os entrevistados (Tabela 6).

Tabela 6. Bens de consumo duráveis dos domicílios na comunidade quilombola do Curiaú-AP.

Bens de Consumo	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Fogão de duas ou quatro bocas	27	15	42	100
Geladeira	26	15	41	97,62
Televisão	26	13	39	92,86
Rádio	24	15	39	92,86
Ferro elétrico	24	14	38	90,48
Ventilador	21	12	33	78,57
Bicicleta	16	11	27	64,29
Liquidificador	13	7	20	47,62
Aparelho de som	15	5	20	47,62
Freezer	7	5	12	28,57
Máq. Lavar roupas	7	4	11	26,19
Filtro de água	4	2	6	14,29
Videocassete	4	1	5	11,90
Telefone	1	1	2	4,76
Parabólica	-	2	2	4,76
Ar-condicionado	1	-	1	2,38
Computador	-	-	-	-
Motocicleta	-	-	-	-
Automóvel	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

Características gerais dos moradores

Na comunidade do Curiaú o número de residentes nos domicílios amostrados totalizou 192 pessoas, com uma média de cinco pessoas por domicílio, sendo, 53,12% do sexo feminino e 46,88% do sexo masculino. A Vila do Curiaú de Dentro apresentou 134 pessoas nos domicílios com a média de cinco pessoas, sendo 49,25% de homens e 50,75% mulheres. A Família mais numerosa apresentou onze pessoas e a menor era formada por uma pessoa. Na Vila do Curiaú de Fora o número de moradores nos domicílios visitados somaram 58 pessoas com uma média de quatro pessoas por residência, sendo 41,38% de homens e 58,62% de mulheres. A família mais numerosa possuía sete moradores e a menor tinha uma pessoa.

Em 61,90% domicílios amostrados os responsáveis pelo grupo familiar eram do sexo masculino e em 38,10% do sexo feminino. Esses dados mostram que apesar do número de homens responsáveis pelo domicílio ser maior, o número de mulheres que se tornaram pessoas de referência na família aumentou consideravelmente e continuamente, segundo os próprios moradores, em função das mesmas estarem mais independentes e saírem em “busca do prejuízo”(segundo os entrevistados, significa

ir em busca de seus sonhos, de seus objetivos). Quanto à religiosidade, 95,24% dos entrevistados declararam-se católicos, 2,38% protestante e 2,38% não ter religião. No Curiaú de Dentro, todos são católicos, no Curiaú de Fora 86,66% são católicos, 6,67% são protestantes e 6,67% declararam não ter religião.

A comunidade do Curiaú vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, atividade que, praticamente, apenas satisfaz às necessidades básicas da alimentação, utilizando-se no processo técnicas rudimentares, limitando o cultivo a pequenas áreas. Utilizam para a limpeza do terreno a derrubada e posterior queima e o preparo do solo com enxadas, o que acarreta o mau aproveitamento dos recursos do solo, e esgotando-o em pouco tempo.

A atividade agrícola consiste principalmente no cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) para a produção de farinha e de hortaliças em pequena escala. As culturas permanentes são limitadas àquelas de fundo de quintal nas pequenas propriedades rurais e nas imediações dos núcleos populacionais. Basicamente, são usadas apenas para o consumo local, sem nenhuma conotação e importância comercial.

A criação bovina é praticada por pequenos criadores principalmente com a criação extensiva de búfalos, mas também há a criação de gado bovino, de carneiros e de cavalos, se bem que em menor escala. Segundo Acevedo Marin (1997) a criação do gado bovino está identificada com a história de ocupação de Curiaú.

A pastagem utilizada é eminentemente natural, aproveitando-se das áreas de campos inundáveis que, além de abundantes, oferecem boas condições de forragens e baixos custos de manutenção.

O extrativismo representa um papel importante no regime alimentar, sendo a pesca uma das suas principais atividades, juntamente com a extração seletiva de madeira e coleta do fruto do açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) nos ambientes de floresta de várzea, além da extração e cultivo de espécies medicinais.

Essa relação entre comunidades negras rurais e práticas agroextrativistas está documentada na literatura científica por diversos autores (O'DWYER, 1995; ACEVEDO MARIN; CASTRO, 1998). De fato a grande maioria dos estudos sobre comunidades negras rurais mostram que a reprodução social das mesmas se fundamenta no manejo dos recursos naturais através de práticas seculares que combinam pequenos cultivos mais ou menos diversificados, caça, pesca e práticas extrativistas (CANO, 2005). Essa diversificação de atividades na comunidade pode ser considerada como uma estratégia de produção para garantir a segurança alimentar das famílias e isso proporciona maior estabilidade econômica e menor vulnerabilidade das mesmas.

Na relação familiar de trabalho na comunidade, a presença da mulher é muito forte, pois as mesmas exercem papel fundamental no contexto da produção familiar, ou seja, as atividades dirigidas ou catalisadas pelas mulheres não se restringem as funções reprodutivas na unidade familiar, mas são

dinamicamente envolvidas em todo processo produtivo, ou seja, são protetoras, instrutoras e alimentadoras de todo grupo familiar. As mulheres rurais são com frequência as peças efetivas das unidades familiares, apesar desta função ser simbolicamente atribuída aos homens (REIJNTGES et al., 1994), e na comunidade do Curiaú, a presença delas é efetiva e real. São as mantenedoras dos quintais e ajudam com eficácia nos trabalhos de roça e pecuária.

Os homens são os responsáveis pelas atividades que requer uma maior força física, como os trabalhos agrícolas (corte, queima e limpeza de área), fabricação de instrumentos de trabalho (caça, pesca). Por sua vez as mulheres participam ativamente no preparo da alimentação familiar, no cuidado com os quintais e hortas caseiras, na criação de pequenos animais e no cuidado com os filhos. Mas apesar dessa suposta divisão de trabalho, na maioria das atividades são realizadas por pessoas de ambos os sexos, pois a ajuda mútua é uma característica marcante dos moradores da comunidade do Curiaú.

Com relação às espécies vegetais, as mulheres possuem um conhecimento maior daquelas ruderais, herbáceas e subarborescentes, enquanto os homens detêm o conhecimento maior das espécies arbóreas encontradas em geral no interior da floresta e, isso é o reflexo de onde a pessoa passa a sua maior parte do tempo em atividades, o que faz com que o conhecimento do ambiente circundante seja pleno.

Com relação aos alimentos mais consumidos diariamente pelas famílias entrevistadas, os dados mostram que todos consomem a farinha e o arroz, representando 100% dos entrevistados, o feijão com 97,62%, a carne bovina e bubalina com 90,48%, o frango com 83,33%, o peixe com 95,24% dos entrevistados e as frutas com 95,24%, formam a base da alimentação da comunidade (Tabela 7).

Tabela 7. Alimentos mais consumidos diariamente pelas famílias na comunidade quilombola do Curiaú-AP.

Alimento	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Carne bovina	24	14	38	90,48
Carne suína	9	11	20	47,62
Carne de búfalo	25	13	38	90,48
Frango	22	13	35	83,33
Arroz	27	15	42	100
Feijão	26	15	41	97,62
Farinha	27	15	42	100
Macarrão	23	15	38	90,48
Peixe	25	15	40	95,24
Frutas	25	15	40	95,24
Verduras e legumes	23	12	35	83,33
Caça	15	10	25	59,52

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

A maioria destes bens de consumo alimentar é produzida pelas próprias famílias, reduzindo assim os gastos com produtos externos a comunidade, sendo que os peixes mais consumidos, em ordem de preferência, são o tucunaré (*Cicha ocellaris*), traíra (*Hoplias malabaricus*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), jejú (*Hoplerthrinus unitaeniatus*), tamoatá (*Hoplosternum* sp.), mafurá (*Serrasalmus* sp.), piratinga (*Colossoma bidens*), aracú (*Leporinus* sp.) e o pirarucú (*Arapaima gigas*).

As frutas preferenciais, são a banana (*Musa* sp. - Musaceae), laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck - Rutaceae), açaí (*Euterpe oleracea* Mart. - Arecaceae), manga (*Mangifera indica* L. - Anacardiaceae), cajú (*Anacardium occidentale* L. - Anacardiaceae), abacate (*Persea americana* Mill. - Lauraceae), acerola (*Malpighia punicifolia* L. - Malpighiaceae) e o mamão (*Carica papaya* L. - Caricaceae).

Todas essas frutas, segundo Cano (2005) também são cultivadas e utilizadas pela comunidade negra de Itacoã, localizada as proximidades de Belém-PA, no estuário amazônico, como elementos essenciais no complemento alimentar dos moradores.

As verduras e legumes que completam a base alimentar são bastante consumidos e plantados em hortas caseiras, nos quintais, pois muitas delas, além de servir de alimento, são usadas na medicina popular, como, o tomate (*Lycopersicon esculentum* Mill. - Solanaceae), cebola (*Allium cepa* L. - Amaryllidaceae), alface (*Lactuca sativa* L. - Asteraceae), couve (*Brassica oleracea* L. - Brassicaceae), jerimum (*Cucurbita*

pepo L. - Cucurbitaceae), jambú (*Spilanthes oleracea* Jacq. - Asteraceae) entre outras.

A caça, apesar da legislação ambiental e da pressão antrópica existente, aparece na área em quantidades consideráveis, apesar de, segundo os entrevistados, terem sofrido uma baixa em função da caça predatória, feita por pessoas de fora da comunidade, que vêm principalmente nos finais de semana praticar como “esporte”. Os residentes do Curiaú, quando caçam, o fazem para a alimentação, não para vender e se constitui em alimento regular para 59,52% dos entrevistados. Os animais silvestres mais consumidos são em ordem de preferência: o tatu (*Priodontes giganteus*), o veado (*Mazama americana*), a paca (*Agouti paca*), a anta (*Tapirus terrestris*) e a cutia (*Dasyprocta aguti*). Cano (2005) registrou na comunidade negra de Itacoã-PA como os animais mais caçados para uso na alimentação a paca, cutia e veados, corroborando com o encontrado no Curiaú.

Em relação ao aspecto do atendimento à saúde, quando existem casos de doença na família, todos os entrevistados declararam ir ao posto médico ou hospital, 33,33% disseram ir à outra cidade em casos mais graves, e 80,95% informaram que além desses procedimentos, fazem tratamento com remédios naturais, usando o poder de cura da natureza. Esses dados mostram que na comunidade estudada o número de pessoas usando plantas na cura e prevenção de doenças é bastante significativo, principalmente levando em consideração a existência de posto médico e hospitais em distâncias próximas de Curiaú, mas o povo ainda guarda a cultura de utilização das plantas.

Dos entrevistados que usam plantas medicinais 79,41% declararam que o conhecimento que tem da medicina natural vem de conhecimento tradição familiar, é a cultura passada de pais a filhos, na tradição oral. 5,88% de fontes externas à cultura local, como migrantes ou veículos de comunicação, e 14,71%, de contato com técnicos, como enfermeiros, médicos, biólogos e professores. Neiva (2009) coloca que no quilombo Kalunga-GO as mulheres e as pessoas mais velhas da comunidade são as mais importantes na transmissão dos conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais da região para as gerações seguintes, mas relata que os membros mais novos não tem mais interesse

em aprender, pois relatam, que é mais fácil comprar o remédio de farmácia na cidade, do que aprender as técnicas tradicionais de seus antepassados, fato esse que pode levar ao desaparecimento desse saber tradicional, tão importante para a manutenção da identidade da comunidade.

As doenças registradas como as mais comuns nas famílias dos entrevistados foram: diarreia (52,38%), gripe (50%), verminose (30,95%), micose (28,57%), anemia (28,57%), malária (26,19%), reumatismo e problemas cardíacos (23,81%) e problemas renais (21,43%) (Figura 6).

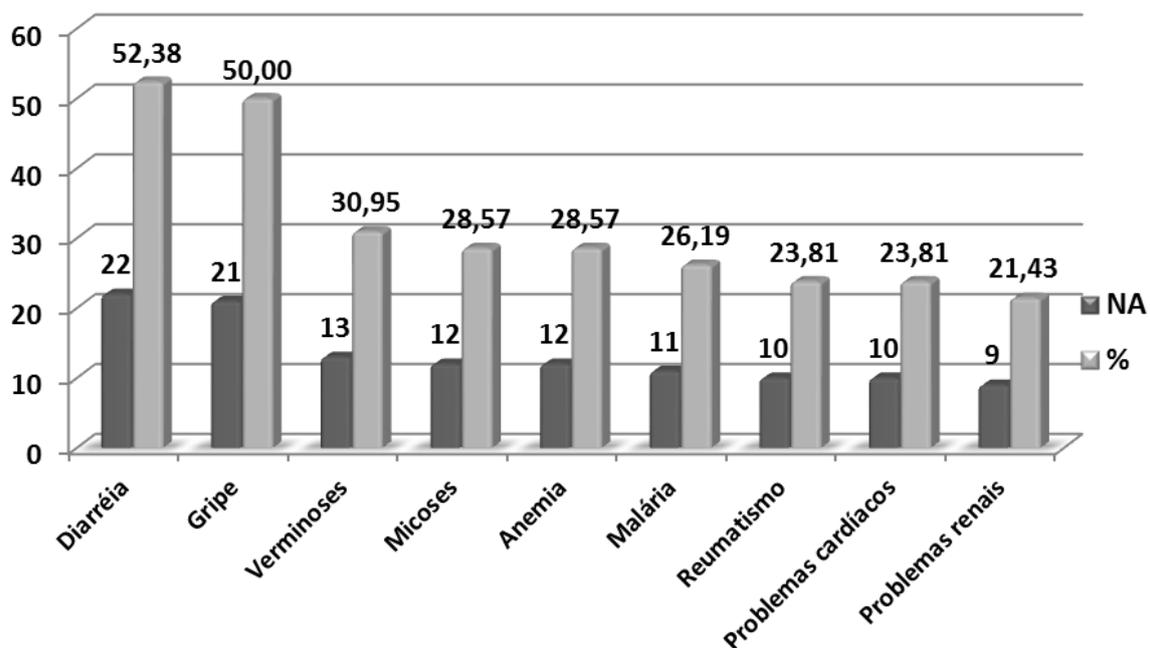


Figura 6. Doenças mais comuns nas famílias dos moradores da comunidade quilombola de Curiaú-AP. Fonte: Pesquisa de campo (2000).

As quatro primeiras doenças citadas têm como causas atribuídas a intensa exposição solar e o hábito, principalmente das crianças, de brincarem nas ruas e quintais. No caso das anemias, talvez a causa seja motivada por uma dieta deficiente em ferro, e a malária, é causada por criadouros que surgem na época da estiagem, quando o lago seca e as poças de água parada surgem em vários lugares, constituindo-se, desta forma, em ambientes ideais para a proliferação do transmissor da malária.

A comunidade do Curiaú, assim como outras comunidades afrodescendentes e tradicionais da Amazônia, possui um extenso

conhecimento etnobiológico, como pode ser comprovado através de vários levantamentos etnobotânicos onde foram descritos centenas de plantas usadas na medicina natural (AMOROZO; GELY, 1988; MING, 1995; FARNSWORTH, 1997; COELHO-FERREIRA, 2000; PEREIRA-MARTINS, 2001; DIEGUES; ARRUDA, 2001; RIOS, 2002; SILVA, 2002) e possuem alta diversidade de espécies, principalmente em seus quintais e arredores, com a presença substancial de plantas usadas na cura e prevenção de doenças através do preparo de remédios caseiros.

No quilombo do Curiaú as espécies vegetais mais utilizadas como medicina para a prevenção e/ou cura de doenças são o barbatimão (*Ouratea hexasperma* (A. St.-Hil.) Bail var. *planchonii* Engl.), anador ou boldo pequeno (*Plectranthus barbatus* Andrews), verônica (*Dalbergia monetaria* L. f.), cheiro de mulata (*Aeollanthus suaveolens* D. Don), sacaca (*Croton cajucara* Benth.), limoeiro (*Citrus × limonia* (L.) Osbeck), mastruz (*Chenopodium*

ambrosioides L.), quebra pedra (*Phyllanthus niruri* L.), vendicá (*Renalmia guianensis* Maas), andirobeira (*Carapa guianensis* Aubl.), arruda (*Ruta graveolens* L.), capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf), pata de vaca (*Bauhinia variegata* var. *candida* (Aiton) Buch.-Ham.), hortelã pimenta (*Mentha × piperita* L.) e mucuracaá (*Petiveria alliacea* L.) (Quadro 1).

Quadro 1. Plantas medicinais mais utilizadas pela comunidade na prevenção e/ou cura de doenças no quilombo do Curiaú-AP – informações botânicas e ecológicas.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito de Crescimento	Disponibilidade no Ambiente	Habitat	Frequência de Citação -
Barbatimão	<i>Ouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Baill Var. <i>Planchonii</i> Engl.	Ochnaceae	Arbóreo	Espontânea	Cerrado	64,29
Anador, boldo pequeno, melhoral	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal	52,38
Verônica	<i>Dalbergia monetaria</i> L. f.	Fabaceae	Cipó	Cultivada e Espontânea	Floresta de várzea, Quintal	47,62
Catinga de mulata, cheiro de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> D. Don	Lamiaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal	45,24
Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	Euphorbiaceae	Arbustivo	Cultivada	Quintal	38,10
Limoeiro, limão	<i>Citrus × limonia</i> (L.) Osbeck	Rutaceae	Arbóreo	Cultivada	Quintal	35,71
Mastruz, mastruço, erva de Sta. Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Amaranthaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal	33,33
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Phyllanthaceae	Herbáceo	Espontânea	Quintal, Ruderal	30,95
Vendicá, vindica	<i>Renalmia guianensis</i> Maas	Zingiberaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal	28,57
Andirobeira, andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	Arbóreo	Cultivada e Espontânea	Roça, Floresta de várzea	28,57
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Sub-arbustivo	Cultivada	Quintal	26,19
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Poaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal, Roça	23,81
Pata de vaca	<i>Bauhinia variegata</i> var. <i>candida</i> (Aiton) Buch.-Ham.	Fabaceae	Arbóreo	Cultivada	Quintal	23,81
Hortelã, hortelã pimenta, hortelã das cozinhas	<i>Mentha × piperita</i> L.	Lamiaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal	21,43
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Herbáceo	Cultivada	Quintal	21,43

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

Cano (2005) explicita a estreita relação das populações tradicionais locais com a biodiversidade através de um extenso e profundo conhecimento fitoterápico e elevada capacidade de manejo dos recursos naturais que mostram a necessidade de reforçar as conexões entre a biologia e a antropologia em nível científico e acadêmico.

Silva (2002, p. 27) completa que “Mais do que nunca é necessário dar ouvido aos povos da floresta e recuperar a sabedoria e os saberes produzidos por

eles. É necessário também se ter uma perspectiva preservacionista, investindo no estudo e conhecimentos dos recursos naturais da região, os quais podem ser um importantíssimo fator de progresso para a Amazônia, mas para que isso ocorra é preciso que os povos tradicionais sejam também preservados.

De fato, são numerosos os medicamentos usados atualmente que provém de fontes biológicas e que tem sua origem no uso pelas comunidades nas áreas tropicais do mundo

como sendo o caso do pilocarpina, da reserpina e da quinodina (ESTRELLA, 1995; AMOROZO, 1996; BENSUSAN, 2002), isso mostrando, segundo Cano (2005) que este saber ancestral possui incalculável valor etnobotânico e elevado potencial farmacológico, que se concretiza em uma grande capacidade cognitiva de reconhecimento de plantas silvestres com

propriedade terapêutica por parte dos habitantes das florestas tropicais.

No Quadro 2 é apresentado as espécies vegetais medicinais que possuem o maior valor de importância de uso por parte dos moradores da comunidade quilombola do Curiaú com a descrição das partes usadas com sua respectiva indicação medicinal popular e seus modos de uso.

Quadro 2. Plantas medicinais mais utilizadas pela comunidade na prevenção e/ou cura de doenças no quilombo do Curiaú-AP – informações etnomedicinais.

Nome Vernacular	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso
Barbatimão	-Casca do caule	-Estanca hemorragias, infecção intestinal, diarreia	-Chá
		-Impinges	-Lavagem do local com chá morno
		-Lavagem de feridas	-Fazer a limpeza com o chá
		-Desinfecção vaginal, doença de senhora (flores brancas)	-Lavagem de asseio
		-Cicatrizante	-Emplasto com a casca macerada
		-Gastrite	-Deixar o material de molho na água por 24 horas, coar e tomar
		-Hemorroidas, corrimento vaginal	-Lavagem de assento com chá do barbatimão mais suco de limão
		-Garganta inflamada, corrimento vaginal, diarreias	-Chá da casca bem picada
		-Lavagem vaginal	-Colocar a casca em água e ferver, coar e fazer a lavagem de asseio
		-Problemas de estômago e gastrite	-Chá
Anador, boldo pequeno, melhoral	-Folhas	-Problemas de Fígado	-Chá desta + sacaca
		-Problemas de rins	-Chá desta + quebra pedra
		-Dores em geral , febre, gastrite, gripe, ressaca	-Chá
Verônica	-Casca do caule	-Problemas pulmonares e fígado, catarros crônicos, bronquites, pedra nos rins, diarreia, inflamações em geral, anemia	-Chá
		-Asseio vaginal	-Lavagem de asseio
		-Inflamação do útero	-Chá desta + pariri
		-Corrimento de mulher	-Lavagem de asseio vaginal
		-Úlcera, gastrite	-Chá desta + barbatimão
		-Pano branco e impigem	-Lavagem com chá
		-Limpeza de feridas	-Emplasto com material macerado, lavagem com chá morno
	-Flores e caule	-Aftas e amidalite	-Gargarejos
		-Ferimentos (limpeza)	-Lavagem com chá morno
		-Ferimentos (cicatrizante)	-Emplasto com o material macerado
Catinga de mulata	-Folhas	-Gripes e resfriados	-Tomar chá, fazer banho na cabeça com chá
		-Febre, dor de cabeça	-Tintura, passar na cabeça

		-Dor de ouvido	-Pingar sumo no ouvido
		-Vermes, eliminar gases, dores reumáticas, asma, regular a menstruação	-Chá
		-Dores reumáticas	-Tintura passar no local afetado, chá
	-Planta inteira	-Tirar panemeira	-Banho junto com vendicá
		-Quebranto de criança	-Banho com mais arruda, manjerição e alfavaca.
		-Inseticida	-Queimar a planta e colocar partes da planta em locais estratégicos da casa
		-Repelente	-Tintura passar no corpo
		-Picada de insetos	-Tintura passar no local afetado
	-Flores	-Problemas do coração	-Chá
		-Cólica menstrual	-Fazer compressa com o chá na região do umbigo, beber o chá
Sacaca	-Casca do tronco e folhas	-Febre	-Chá
		-Problemas do fígado, má digestão	-Chá misturado com boldo
		-Baixar colesterol, emagrecimento, malária, diarreia, problemas de vesícula, rins, diabetes	-Chá
		-Coceira	-Lavar o local com o chá
Limão, limoeiro	-Frutos (suco)	-Gripe, tosse, garganta inflamada	-Suco com mel
		-Hipertensão, melhorar o sangue	-Suco
		-Aftas, feridas	-Gargarejo com o chá
	-Frutos (casca)	-Pele seca	-Compressa com o chá + mel
		-Febre	-Chá com mel
		-Gripe e resfriado	-Chá da casca com mel e alho
		-Vermes, circulação do sangue, problemas digestivos e do estômago	-Chá da casca fatiada
		-Inflamações da boca e garganta	-Gargarejo com o chá
	-Folhas e casca do fruto	-Nevralgia	-Friccionar o chá no local
		-Reumatismo	-Compressa no local
		-Gripe, calmante	-Chá
		-Emagrecer	-Chá em jejum
	-Folhas	-Gripe, garganta inflamada	-Chá com mel e andiroba
		-Furúnculo	-Queimar 2 folhas, misturar as cinzas com sebo de Holanda e colocar no local afetado
		-Sinusite, febre, gripe	-Ferver 20 folhas para 1 litro de água, deixar no sereno e lavar a cabeça pela manhã
	Mastruz, mastruço, erva de Sta. Maria	-Folhas	-Fortificante, diurético, hemorroidas
-Vermes			-Tomar o sumo com leite
-Infecções do pulmão (tuberculose, pneumonia)			-Sumo das folhas misturada com leite
-Câimbras			-Compressa no local com o chá
-Tosse			-Chá com mel
-Piolhos e lêndeas			-Banho de cabeça com o chá morno
-Cicatrização de feridas			-Emplasto com as folhas maceradas
-Desinfetar feridas			-Lavagem do ferimento com o chá
-Baques e torceduras			-Emplasto com o sumo
-Catarro no peito			-Beber o sumo

		-Ajuda na cura de fraturas de ossos	-Sumo das folhas misturado com leite e mel, emplasto com sumo
	-Folhas e flores	-Vermes, expulsar catarro e evitar gripe	-Sumo fresco com mel de abelhas
	-Planta inteira	-Afugentar insetos (inseticida)	-Planta seca colocada em locais diversos da casa, queima da planta seca, pendurar galhos pela casa
Quebra pedra	-Planta inteira	-Problemas de rins (pedra), diurético, dor de urina, infecção urinária, pedra na vesícula, hepatite, infecção da bexiga, diabetes, pressão alta, barriga d'água, falta de apetite, problemas de próstata	-Chá
Vendicá, vindica	-Folhas e flores	-Calmante, dor de cabeça, nervosismo, inchaço do corpo, falta de ar, afugentar vermes, dor de barriga e estômago, prisão de ventre, problema de coração	-Chá
		-Tirar panemeira, trazer sorte no amor e na profissão, dor de cabeça, nervosismo	-Banho
Andiroba	-Casca do caule	-Reumatismo, verminoses	-Chá
		-Feridas e inflamações da pele	-Lavagem das lesões com chá
	-Folhas	-Vermes e reumatismo	-Chá
	-Óleo das sementes (azeite de andiroba)	-Cicatrizante, anti-inflamatório, reumatismo	-Passar no local o azeite
		-Baques	
		-Garganta inflamada, tosse e anti-inflamatório	-Emplasto com mais o mastruz e arnica
		-Inflamação da garganta	-Azeite com mel de abelhas e limão
		-Repelente de insetos	-Passar o óleo no pescoço
			-Correr a garganta com andiroba e mel
		-Afugentar insetos	-Passar o óleo no corpo misturado com urucu passar na pele
-Micoses brabas e curuba		-Queimar as folhas e casca das sementes	
	-Passar o óleo misturado com catanga de mulata e mastruz		
Arruda, arruda fedorenta	-Folhas	-Males do fígado, dores no estômago, regular a menstruação, inflamação do útero, vermes, nevralgia, regular menstruação, acalmar ressaca	-Chá
		-Abscessos	-Emplasto com as folhas maceradas
		-Matar piolhos e lêndeas	-Banho com o chá
		-Inflamação dos olhos	-Chá para lavagem dos olhos
		-Rouquidão	-Mascar a folha com sal
		-Dor de cabeça e sinusite	-Fazer a tintura e cheirar
		-Dor de ouvido	-Compressa com o sumo das folhas, pingar gotas do sumo no ouvido
		-Inseticida	-O chá forte jogado nas locais por onde passam os insetos
		-Repelente	-Banhar o corpo com o chá forte, tintura passar no local
	-Planta inteira	-Acabar com a panemeira e dá boa sorte	-Banho desta + sal grosso, banho juntando alfavaca + catanga de mulata

		-Gripe e dores no corpo, gripes, resfriados, asma	-Banhos na cabeça com chá
	-Flores e folhas	-Quebranto e moleza de criança	-Banho do corpo todo com mais, alfavaca e pião roxo
		-Lêndeas e piolhos	-Macerar as folhas e flores e misturar com vinagre, deixar em repouso 3 dias e banhar a cabeça e deixar agir por 2 horas. Passar o pente fino
		-Sarna	-Macerar as folhas e flores e passar no local
		-Coceiras anal e vaginal	-Lavagem de asseio anal e vaginal com chá
Capim Santo, erva cidreira, capim cheiroso, capim marinho, capim limão	-Folhas	-Calmante, nervosismo, diarreia, dores em geral, provocar suor, eliminar gases, má digestão, analgésico, regula a menstruação, prisão de ventre, desidratação	-Chá
		-Queda de cabelos	-Banhar a cabeça com o chá deixado no sereno
		-Feridas, aliviar dores	-Compressas com o chá morno
	-Flores e folhas	-Repelir insetos de armários e aromatizar as roupas	-Colocar várias folhas e flores em um saco de pano e guardar junto com as roupas para repelir os insetos e aromatizar as roupas
		-Calmante e proporcionar bom sono	-Colocar folhas e flores dentro do travesseiro juntamente com marcela e alfavaca, tomar chá
	-Planta inteira	-Repelente	-Queimar a planta seca
-Raízes	-Limpeza das gengivas	-Gargarejo com o chá	
Pata de vaca	-Folhas	-Problemas de rins, diabetes, problemas de bexiga (dores), baixar colesterol, baixar a taxa de glicose no sangue, emagrecimento, reumatismo, diarreia	-Chá
	-Casca do caule	-Sífilis, diarreia, tosse, calmante	-Chá
Hortelã, hortelã pimenta, hortelã das cozinhas	-Folhas	-Ajuda na digestão, coração, cólicas abdominais, insônia, calmante, digestivo, dores de cabeça, dores de barriga, dor de garganta, afrodisíaco, gastrite, fígado, cólicas em recém nascidos, vômitos, cólicas menstruais	-Chá
		-Vermífugo	-Chá com alho
		-Asma, tosse e resfriado, garganta inflamada e tosse	-Inalação com eucalipto grande, gargarejo com o chá
	-Planta inteira	-Reumatismo	-Tintura (passar no local) -Emplasto no local com material macerado
Mucuracáá	-Raiz	-Dores nas juntas (reumatismo)	-Chá, tintura passar no local
		-Dor de dente furado (cariado)	-Amassar a raiz e colocar no buraco do dente
		-Doença venérea	-Chá
		-Dor de dente	-Colocar pedaço de folha no dente (cárie), fazer gargarejo com chá, sumo das folhas colocar no dente com algodão
	-Folhas	-Provocar suor, provocar urina, regula a menstruação	-Chá
		-Anti-infeccioso vaginal	-Lavagem com chá
		-Repelente	-Queimar as folhas, tintura, passar no corpo
		-Tirar panemeira	-Banho de limpeza com vendicá, alecrim, alfavaca e hortelã grande
-Evitar mau-olhado e inveja	-Banho de limpeza desta com + alfavaca + hortelã		

		grande
	-Reumatismo	-Compressa com as folhas machucadas
	-Dor de cabeça	-Tintura das folhas banhar a cabeça, compressa das folhas machucadas na frente
	-Criança aborrecida (braba)	-Banho com chá na cabeça

Fonte: Pesquisa de campo (2000).

Características econômicas das famílias dos entrevistados

As atividades desenvolvidas profissionalmente pela pessoa responsável pela maior fonte de renda do domicílio embora sejam bastantes diversificadas, como: agente de saúde, agricultor, assistente comunitário, auxiliar de artífice, auxiliar de enfermagem, auxiliar de portaria, bagageiro, caseiro, construtor civil, empregada doméstica, gari, inspetor escolar, merendeira escolar, pedreiro, pensionista, representante comunitário, roceiro, servente escolar, serviços gerais e vigilantes, as atividades ligadas à agropecuária e ao extrativismo são praticamente comuns a todos os entrevistados, independente da profissão exercida.

Quanto a contribuição de membros da família para renda mensal do domicílio, 50% dos informantes declararam que somente uma pessoa contribui, 35,71% declararam que duas pessoas contribuem, 11,91% entrevistados declararam que 3 à 5 pessoas contribuem e somente 2,38% dos domicílios contam com mais de cinco pessoas trabalhando de alguma forma para contribuição na renda mensal.

Em relação aos rendimentos mensal da família, tendo como base o salário mínimo vigente à época (R\$ 151,00), 9,52% dos entrevistados declararam ganhar até um salário mínimo (SM), 38,10% disseram ganhar de um até dois SM, 47,62% de três até quatro SM, 2,38% de cinco a seis SM, e somente 2,38%, declararam ganhar mais de dez SM. A faixa que vai até quatro SM abrange 95,24% dos entrevistados e tem-se a maioria absoluta. Esses dados são reflexos dos poucos empregos que existem no local e os baixos salários oferecidos. Dos entrevistados, 42,86% trabalham por conta própria, 7,14% são aposentados, 4,76% são empregadas domésticas, 2,38% são pensionistas, 19,05% são funcionários municipais, 16,67%

estaduais e 7,14% são funcionários público federais.

A renda média mensal por família foi de R\$ 407,95, o que corresponde a 2,7 SM por família. Considerando o número médio de cinco pessoas por família, a renda bruta *per capita* é de R\$ 81,59 por mês, o que corresponde a 54% do SM vigente a época.

4. Conclusão

Os moradores do Curiaú, apesar das atividades modernas hoje desenvolvidas na cidade de Macapá, pouco foram influenciados para o trabalho na capital, permanecendo com seu modo de vida simples ligada diretamente ao convívio com o ambiente natural.

A comunidade vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, que pelas próprias técnicas rudimentares utilizadas, são usadas apenas para consumo local, sem nenhuma conotação e importância comercial. As atividades de pecuária é um complemento da agricultura para a subsistência local.

A maioria dos moradores nasceu na região do Curiaú e ali já residem há pelo menos dez anos, levando-os a uma integração e adaptação à realidade local.

Os homens pela necessidade de trabalho são os que mais migram para outros locais em busca de emprego e renda para o sustento familiar, enquanto as mulheres e crianças ficam na localidade nos afazeres domésticos e nas atividades de agropecuária no que se caracteriza como quintal agroflorestal.

A maioria dos entrevistados (95,24%) possui renda mensal entre um e quatro salários mínimos o que limita seu poder de compra e tendo seus bens duráveis aqueles de necessidade básica como geladeira, fogão, ferro elétrico, embora já existindo em número considerável de bens para fins de diversão e lazer, como televisão, aparelho de som, rádio e videocassete.

A caça apesar da legislação ambiental é realizada para complemento alimentar, mas essa atividade não é realizada de maneira predatória pelos moradores, mas deveria haver uma maior fiscalização dos órgãos responsáveis, pois a mesma é realizada por pessoas de fora da comunidade como “esporte”.

A utilização de plantas medicinais para a cura e prevenção de doenças é um procedimento comum.

É importante enfatizar que este estudo é um recorte da realidade da comunidade quilombola do Curiaú em certo tempo e espaço e apesar de permitir algumas considerações sobre a mesma, não podem ser consideradas conclusivas, uma vez que a dinâmica da realidade é constante, permitindo assim, novas percepções e futuras comparações.

5. Referências bibliográficas

ACEVEDO MARIN, R. E. **Nascidos no Curiaú**: relatório de identificação apresentado à Fundação Cultural Palmares. Belém: UFPA, NAEA, 1997. 84 p.

ACEVEDO MARIN, R. E.; CASTRO, E. **Negros do Trombetas**: Guardiães de matas e rios. 2. ed. Belém: CEPUIJ, 1998. 262 p.

AMAPÁ. GOVERNO DO ESTADO. SEPLAN. **Anuário estatístico**. Macapá, 1998. 487 p.

_____. **Bases do desenvolvimento sustentável**. Coletânea de textos. Macapá: GEA, 1999. 128 p.

AMOROZO, M. C. M.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988 (Série Botânica).

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais**: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar. Botucatu: UNESP, 1996. p. 47-68.

ANJOS, R. S. A.; CYPRIANO, A. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2006. 240 p.

BARRETO, R. C. S.; KHAN, A. S.; LIMA, P. V. P. S. Sustentabilidade dos assentamentos no município de Caucaia-CE. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 43, n. 2, p. 225-247, 2005.

CANO, Ricardo Scoles. **Comunidade negra de Itacoã: território, biodiversidade y organización social, pilares para el etnodesarrollo?**. 2005. 257 F. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

CHAGAS, M. A. **Curiaú: Dossiê da Área de Proteção Ambiental**: dossiê. Macapá: GEA/SEMA, 1997. Não paginado.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 166 p.

COELHO-FERREIRA, M. R. **Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia brasileira)**. 2000. 259 f. Tese. (Doutorado em Ciências Biológicas) – Museu Paraense Emílio Goeldi/Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

CUNHA, M. C. da; ALMEIDA, M. W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: CAPOBIANCO, J. P. R. et al. **Biodiversidade na Amazônia brasileira**: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo: Estação Liberdade; Instituto Socioambiental, 2001. p. 184-193.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996. 169 p.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. 176 p.

DIEGUES, A. C.; VIANA, M. V. **Comunidades tradicionais e manejo dos Recursos naturais da Mata Atlântica**. São Paulo: NUPAUB-USP. 2004. 273 p.

ESTRELLA, E. **Plantas medicinales amazónicas**. Realidad y perspectivas. Lima: Tratado de Cooperación Amazónica, Secretaria Pro Tempore, 1995. 301 p.

FACUNDES, F. da S.; GIBSON, V. M. **Recursos naturais e diagnóstico ambiental da APA do rio Curiaú**. 2000. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2000.

FARNSWORTH, N.R. Testando plantas para novos remédios. In: WILSON, E. O. (Ed.) **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 107-125 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GUANAES, S.; LIMA, S. A. PORTILHO, W. G. Quilombos e usos sustentáveis. In: DIEGUES, A. C.; VIANA, M. V. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. São Paulo, NUPAUB. 2004. p. 265-273

HAMZE, A. **Comunidades quilombolas**. Disponível em: <http://www.educador.brasile Escola.com/politica-educacional/comunidades-quilombolas.htm>. Acesso em: 25 jan. de 2012.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílio**: manual de entrevistas. Brasília: IBGE - Diretoria de Pesquisas, 1988. 366 p.

KOTTAK, C. P. **Antropologia**: una exploración de la diversidad humana con temas de la cultura hispana. 6. ed. Madrid: McGraw-Hill, 1994. 536 p.

MACRODIAGNÓSTICO do Estado do Amapá: primeira aproximação do ZEE. Macapá: IEPA, 2006. 140 p. il.

LLERAS-PEREZ, E. Uso tradicional da biota, manejo e domesticação de recursos genéticos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA

- AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará. p. 126-132.
- MARTIN, G. J. **Etnobotânica**: manual de métodos. Montevideo: Nordan, 2001. 240 p.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.
- _____. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 110 p.
- MING, L. C. **Levantamento das plantas medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes” – Acre**. Botucatu, UNESP, 1995, 175 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas). UNESP, 1995.
- NEIVA, A. C. G. R. **Caracterização socioeconômica da comunidade quilombola Kalunga e proposta de reintrodução do bovino curraleiro como alternativa de geração de renda**. 2009. 138 f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.
- POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais...** Belém: Governo do Estado do Pará. p. 112-117.
- RABELO, B. V. et al. **Mazagão**: realidades que devem ser conhecidas. Macapá: IEPA, 2005. 120 p.
- REIJNTJES, C, HAVERKORT, B, WATERS-BAYER, A. **Agricultura para o futuro**: uma introdução à agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1994. 324 p.
- RIOS, M.. **La comunidad Benjamin Constant y las plantas útiles de La “capoeira”**: um enlace etnobotânico em La región Bragantina, Pará, Amazonia Brasileña. 2002. 539 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.
- RIBEIRO, F. M. de B.; CASCAES, I. B.; JESUS, M. A. S. **Conseqüências da expansão urbana de Macapá sobre a Área de Proteção Ambiental (APA) do rio Curiaú**. 2001. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2001.
- SILVA, S. M. **Curiaú**: sua vida, sua história. Macapá: Valcan, 2000. 34 p.
- SILVA, R. B. L. e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**, 2002. 170 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Departamento de Biologia Vegetal, Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Belém, 2002.
- SILVA, R. B. L. e; FREITAS, J. da L.; MADEIRA, V. G. Abordagem etnobotânica de plantas alimentícias utilizadas pela comunidade quilombola de Curiaú de Dentro, Macapá-AP, Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMAZÔNIA E FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO, 2008, Belém. **Anais...** Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2008. 1 CD-ROM.
- _____. **Diversidade, uso e manejo de quintais agroflorestais no Distrito do Carvão, Mazagão-AP, Brasil**. 2010. 296 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- STIPANOVICH, A. **Etude des plantes médicinales utilisées à Curiaú de Dentro, APA du Rio Curiaú, Amapá, Brésil**. IEPA/SETEC/GEA: Macapá, 2001. 76 f. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2001.
- SUDAM. **Atlas climatológico da Amazônia Brasileira**. Belém: SUDAM, 1984. 125 p.